

# A Exportação do Álcool Brasileiro

*Jaime Rotstein*  
Engenheiro

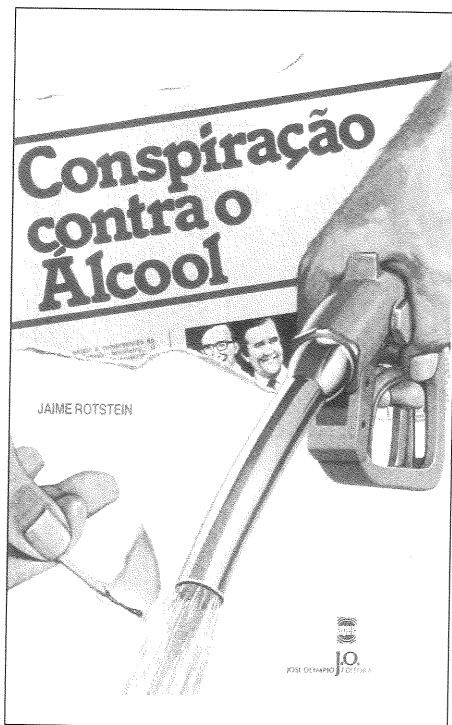
## Introdução

O entendimento de uma apresentação está condicionado a alguns fatores básicos:

- I – Conhecimento das qualificações do autor da apresentação, particularmente com referência ao assunto tratado.
- II – Entendimento da justificativa básica dos raciocínios desenvolvidos.

No particular do tema “Exportação de Álcool” cabe destacar que o mesmo é objeto de conferências, artigos em jornais e revistas, livros, em que o autor defende a tese, discute alternativas e apresen-

ta sugestões objetivas. No livro *Conspiração Contra o Alcool*, reúne a essência dos seus trabalhos relativos à exportação de álcool. O referido livro foi prefaciado pelo então Embaixador dos Estados Unidos, Sérgio Corrêa da Costa, constando da contracapa:



JAIME ROTSTEIN não é apenas um idealista, mas um militante do idealismo, inconformado com o tratamento burocrático de certos problemas nacionais. Em *Conspiração contra o álcool*, este seu estado de espírito se revela de forma contundente. Não se conforma em ver sua construção lógica de grande alcance inadequadamente compreendida e traduzida em ações específicas. Para o Autor, o êxito do nosso Programa do Alcool poderia e pode ser muito maior. O que falta no Brasil e no exterior é precisamente a macrovisão do idealista de que seu projeto, além de viável, trará benefícios inestimáveis à coletividade.

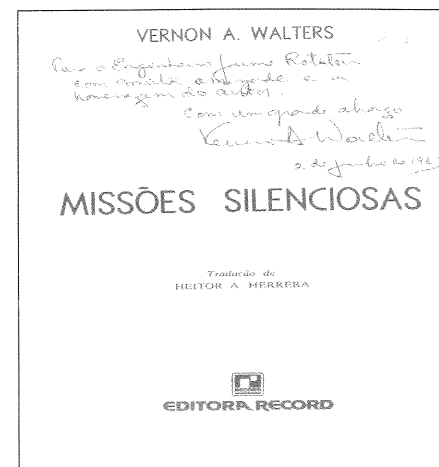
O depoimento do engenheiro Rotstein despertou-me interesse imediato. Como brasileiro, nunca escondi o orgulho com a implantação do Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL), por seu significado para nosso país e por seu potencial impacto global.

A *Conspiração contra o álcool* merece, assim, uma leitura detida por todos nós. *Leitura e tomada de posição.*

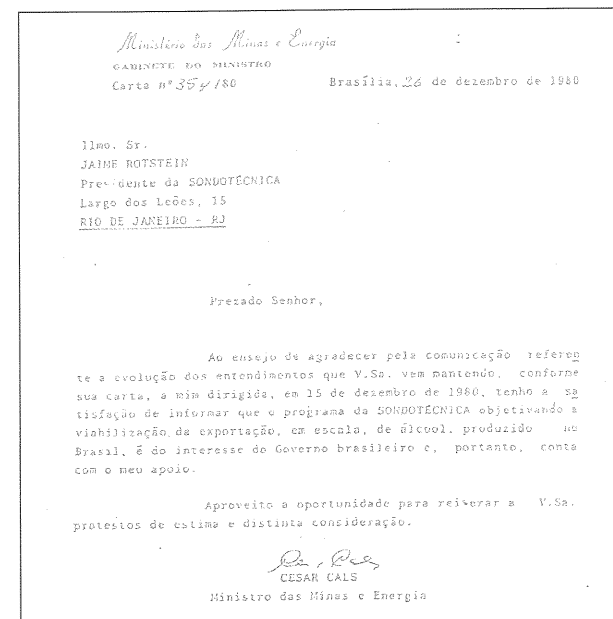
SERGIO CORRÊA DA COSTA

115 RÁRIA JOSE OLYMPIO EDITORA S.A.

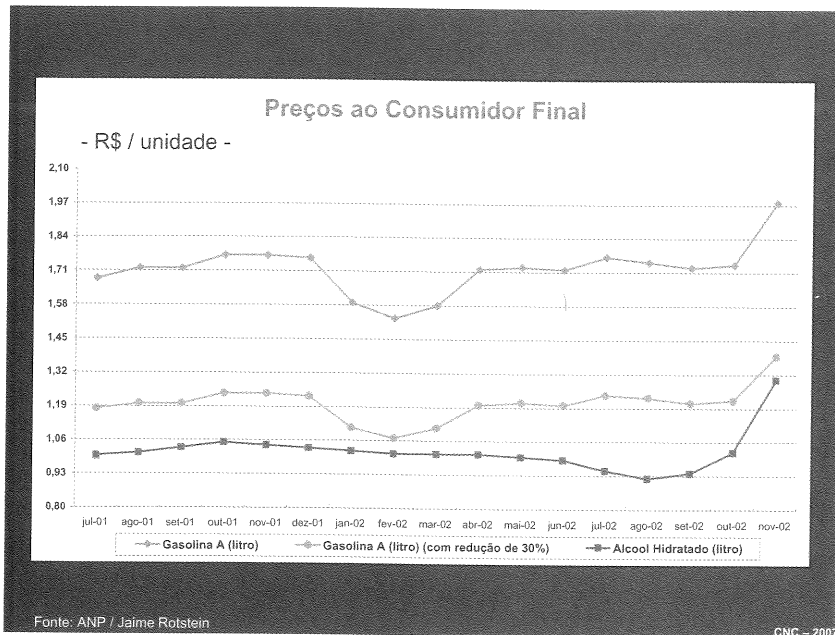
Também mereceram destaque as adesões do general e diplomata norte-americano Vernon Walters, cujo prefácio, em seu livro *Missões Silenciosas*, foi oferecido como resposta à indagação de como demonstrar o seu apoio ao projeto de exportação de álcool para os Estados Unidos da América.



Ainda em 1980 recebeu do então Ministro de Minas e Energia, Cezar Cals, resposta a sua comunicação sobre entendimentos que vinha mantendo visando à exportação de álcool, conforme se segue:

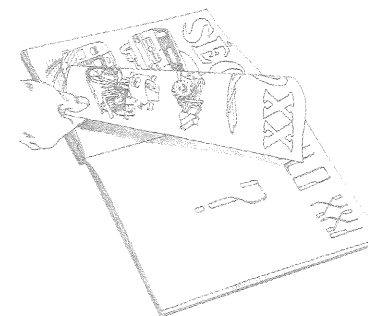


Quanto ao entendimento do tema abordado, o princípio fundamental tem como base o gráfico que se segue:



Como o rendimento do álcool como combustível é cerca de 30% inferior ao da gasolina, existe uma relação íntima entre o seu preço e a gasolina. Em termos comerciais o mesmo não pode ultrapassar 70% do preço da gasolina. Atualmente, considerando os preços do petróleo e o custo do álcool, a sua taxa interna de retorno é altamente favorável.

## O Mundo Ocidental e o Petróleo



A exportação de álcool está na ordem do dia. Desde setembro de 1980, quando apresentei tese sobre o tema no II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ENERGIA DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL, consolidei a convicção de que o álcool como produto de exportação também era importante para os países tropicais — particularmente o Brasil. Diversos fatores contribuíram para tanto: a condição de disponibilidade econômica do petróleo em função dos caprichos da geologia, tanto em termos de horizonte quanto de sua localização, a sua disponibilidade política tendo em conta os conflitos de toda a ordem que provoca, alguns com sérias implicações militares.

Houve uma receptividade contida para o que poderia chamar-se de a luta pelo álcool, tanto para consumo interno quanto para exportação. Como o álcool não tinha e não conseguiu carteira de identidade como combustível — sendo função do açúcar — servindo, como é o caso do milho nos Estados Unidos até recentemente, como regulador da produção e do mercado agrícola. A cana-de-açúcar

vive o mesmo drama, e se o petróleo voltasse a custar algo como US\$ 20 ou US\$ 25 o barril, o álcool de cana brasileiro teria problemas, porque não pode ser subsidiado com a mesma determinação do que ocorre com o álcool de milho norte-americano.

Não é provável que os preços de petróleo venham a despencar. Basta considerar que as reservas comprovadas de petróleo são de cerca de 1,2 trilhão de barris, sendo 63% localizados no Golfo Pérsico, com um horizonte de 41 anos. As referidas reservas caíram 6% desde 1989, apesar do crescimento das mesmas em 12,5%, engolidas pelo aumento de consumo de 20%. O aumento entre 1993 e 2003 ocorreu de forma desigual em diferentes regiões: Japão estabilizado; Europa 8%; Estados Unidos 18%; América do Sul e Central 20%; Brasil 40% e Argentina com redução de 10%.

Tomando em conta que o crescimento do consumo de petróleo no mundo, no mesmo período de 1993 a 2003, foi de cerca de 16%, fica evidente o progressivo desbalanceamento provável entre produção e consumo de petróleo. Considerando apenas o crescimento econômico da China e da Índia, ter-se-ia um acréscimo significativo de demanda global em poucos anos. A previsão é de que os referidos países consumirão, em 2015, mais petróleo do que os países membros da OCDE.

A capacidade mundial de refino e o consumo atual giram em torno de 80 milhões de barris/dia. É fácil avaliar o impacto do aumento de demanda, tanto no que se refere à redução provável de reservas quanto na expansão obrigatória do refino. Portanto, há necessidade de um importante ciclo de construção de refinarias. De outra parte, os preços do petróleo tendem a se manter elevados.

Como o quadro descrito afeta o Brasil? Sendo o País produtor de petróleo pesado, cuja produção atinge apenas 10% do total mundial, o preço do mesmo é facilmente fragilizado. Entre 1994 e 1999, a média de desconto entre o petróleo leve e o petróleo pesado foi de US\$ 3,77, e o petróleo estava em torno de US\$ 15,00. Na época do quarto choque do petróleo, quando seu preço ultrapassou vertiginosamente os US\$ 30,00 atingindo cerca de US\$ 54/barril, o diferencial em desfavor do petróleo pesado atingiu US\$ 10,00. Ou seja, o aumento do preço do petróleo afeta diretamente os preços de venda da produção brasileira. Hoje é de cerca de US\$ 17,00.

### Mercados Potenciais

- O mundo está ávido por alternativas ao petróleo porque:
  - Demanda já chegou perto da capacidade de extração no curto prazo: ~85 mm barris/dia.
  - OCDE tem déficit de 25 mm b/d, coberto basicamente por países da OPEP.
  - Grande fator de preocupação: demanda em países emergentes é crescente:
    - China: demanda saltou de 2.29 para 6.35 mm b/d entre 1990 e 2004 (extração em 2004, 3.57 mm b/d).
    - Índia: demanda saltou de 1.17 para 2.30 mm b/d entre 1990 e 2004 (extração em 2004, 0.82 mm b/d).

Fonte: Dalagro

CNC - 2007

### Demanda de Gasolina no Mundo – 2001 (em 000 b/d)

<b>Mundo</b>	<b>20,068.9</b>		
<b>América do Norte</b>	<b>9,813.2</b>	<b>Oriente Médio</b>	<b>883.2</b>
EUA	8,610.0		
<b>Am. Sul e Central</b>	<b>1,264.5</b>	<b>África</b>	<b>613.5</b>
Brasil	491.8		
<b>Europa Ocidental</b>	<b>2,864.9</b>	<b>Asia e Oceania</b>	<b>3,450.3</b>
Alemanha	647.0	Austrália	312.0
França	316.8	China	861.7
Itália	402.0	Japão	1,021.0
Reino Unido	484.6	Índia	163.8
		Indonésia	234.8
<b>Europa Oriental</b>	<b>1,179.3</b>		
Rússia	557.0		

Fonte: Datagro

CNC – 2007

Toda a infra-estrutura de produção de petróleo e derivados se apóia em vultosos investimentos em pesquisas, exploração e refino. Curiosamente, a busca com empenho de alternativas energéticas levou o Secretário-Geral da OPEP a advertir que tal procedimento contribuía significativamente para a contenção de investimentos e, conseqüentemente, para a elevação de seus custos.

É o caso clássico da afirmação popular de que “se parar o bicho come e se correr o bicho pega...”. Registra-se daí uma disputa feroz por jazidas economicamente viáveis ao preço atual do petróleo, a par de um inusitado entusiasmo pelo álcool, sem sombra de dúvida a melhor alternativa ao petróleo, visando a “reduzir” o seu consumo. Outras alternativas energéticas, capazes de reduzir sensivelmente o consumo de petróleo, são as células fotovoltaicas (energia solar), o hidrogênio e a fusão nuclear – na medida em que a fissão nuclear continua amplamente controversa.

A raça humana, que registrou notável desenvolvimento no século XX, se adentra no século XXI com gigantescos desafios para a redução significativa do consumo de petróleo e controle da poluição ambiental, com graves riscos de atravessar o *point of no return* sem ao menos identificá-lo a não ser depois de atingido.

O ser humano, que tradicionalmente tinha o seu corpo dividido em cabeça, tronco e membros, agregou rodas ao seu corpo e dificilmente vai reduzir a sua dependência às mesmas. Aparentemente a conta a ser apresentada à espécie será alta e todos pagarão pelo *laissez faire, laissez passé*.

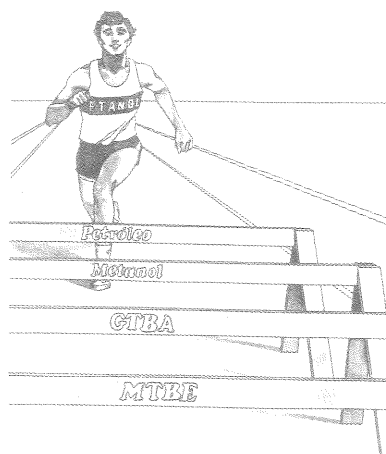
De toda a forma, o etanol é um componente importante tanto para enfrentar a redução paulatina da oferta de petróleo, quanto para a poluição ambiental. Por isso, o álcool — seu nome de guerra — mobiliza as atenções, principalmente o produzido com base na cana-de-açúcar, que devolve 12% da energia solar que absorveu.

O petróleo com horizonte restringido e os conflitos para a produção de biomassa (de cultivos: reais – redução de área de utilização para alimentação, flutuações de mercado internacional de *commodities*, receio de queda dos preços de petróleo – possível? etc.) desaparece a segurança — que existiu ao longo do século XX — de que a civilização do petróleo oferecia a oportunidade de melhores padrões de vida, criando a brutal ambivalência entre países desenvolvidos, os países emergentes e os países subdesenvolvidos.

Quanto aos conflitos sociais, políticos, econômicos e militares, o século XX já foi palco de numerosos exemplos, que se adentram pelo século XXI de forma mais sofisticada. Com as informações

disponíveis os mesmos devem tornar-se mais complexos na medida da redução do horizonte RR/P<sup>1</sup>.

## Petróleo e Metanol x Etanol



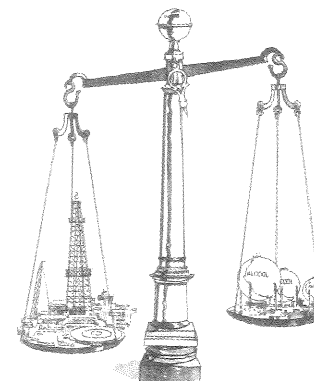
O álcool que surgiu como combustível para veículos ao longo das primeiras décadas do século XX tem tido de enfrentar obstáculos, às vezes mantidos, violando critérios de otimização e racionalidade. Quanto ao petróleo, os interesses envolvidos foram e são de tal ordem que qualquer competição é vista com restrição e deve ser repelida. As *majors* pretendem reconhecer a falência do modelo apoiado no petróleo o mais tarde possível e representam um gigantesco poder, pois o petróleo é sinônimo de segurança nacional e, de alguma forma, de controle da economia mundial.

<sup>1</sup>RR - Reservas recuperáveis / P - Produção

A sua preservação e utilização são objetivos nacionais permanentes das nações ricas e das nações pobres — que não pretendem sê-lo *ad-eternum*. Daí, ao longo de décadas o álcool ter sido apresentado como o “patinho feio” como combustível complementar ao petróleo. Até a década de 1980, o álcool era essencialmente um combustível pouco utilizado .

Além da competição do petróleo, o etanol sofria também a competição do metanol, da GTBA e do MTBE. O metanol sofria restrições sérias, mas como tinha sua origem no gás natural e no petróleo, tinha adeptos poderosos. Entre outros problemas o metanol, líquido extremamente volátil, apresenta riscos elevados de inflamação, explosão e intoxicação. Isso exige cuidadosos sistemas de proteção e segurança de instalações e de pessoas.

## Alternativa Energética Brasileira



As décadas de 1980 e 1990, perdidas pelo Brasil, têm um nome: crise do petróleo. Em 1973, o Brasil tinha um débito externo de US\$ 12 bilhões e reservas de US\$ 7 bilhões. Em 1994, a dívida externa era de US\$ 100 bilhões e reservas próximas de zero. O Brasil foi atingido por um trinômio perverso, verdadeiro “tsunami”:

- Preço de petróleo que em menos de 10 anos, mais do que duplicou.
- Reciclagem dos petrodólares, com aumento dos preços dos manufaturados e queda de preço das matérias-primas.
- O aumento dos juros da dívida externa que tinha obrigatoriamente de crescer para poder importar petróleo.

Muitas falácias foram defendidas, inclusive a do custo inferior do petróleo e seus derivados em relação ao álcool produzido no País. Um exercício simples, agregando ao petróleo o *prime rate* americano, após o primeiro choque do petróleo, levou o seu custo nominal de US\$ 11 para US\$ 33. Já após o segundo choque do petróleo, o mesmo raciocínio eleva o custo do petróleo, comprado a US\$ 29,70, em 1979, para algo como US\$ 120 em 1985, somente pela capitalização da dívida assumida.

Já passou da hora de reverter o processo. O álcool atende bem a todos os interesses internos. Por sua vez, o mundo rico consome muita gasolina. Existem dois estágios de atuação para penetrar no mercado, conforme já assinalavam na década de 1980:

1ª) Misturar álcool anidro à gasolina, reduzindo a dependência ao petróleo importado de regiões geopoliticamente não confiáveis.

2ª) Induzir ao uso de veículos movidos a álcool, pelo exemplo e pelo sucesso, reduzindo a dependência aos países conturbados do Golfo Pérsico e, assim, transformando petrodólares em alcooldólares.

O caminho do Brasil sempre foi o da “Mobilização Nacional”, em termos de aceitação de um “estado de guerra” que passou a existir desde 1973, com o primeiro choque do petróleo. O resto, interna e externamente, são conseqüências. Vencer o *lobby* dos produtores de álcool — etanol e metanol — americanos, que se contrapõem e taxam o álcool brasileiro será fácil, quando forem vencidos os *lobbies* e as inseguranças que têm transformado o nosso Programa de Álcool em um sucesso, visto de longe, e em um “parto da montanha”, se visto à luz das lentes poderosas da imaginação criativa e corajosa. Basta focar o atraso no seu uso para substituir o óleo diesel, conforme tecnologia desenvolvida em laboratório oficial na Suécia.

Estudos sérios que fiz realizar delimitam milhões de hectares aproveitáveis para cana-de-açúcar, em um polígono que abrange parte dos estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Bahia, Minas Gerais e Maranhão. E se trata de produção de cana-de-açúcar — primeiro estágio da produção de álcool —, sem gastos extraordinários em irrigação que podem onerar a produção. Isso exige um Plano Diretor para uso interno e outro para a exportação de álcool, consideradas as diferentes variáveis quanto os custos de transporte, conforme os centros de consumo ou os portos de embarque. Os sistemas dutoviário e hidrovviário têm de ser estabelecidos tomando-se em conta estas variáveis.

O povo brasileiro vem pagando caro pelas hesitações e imprevidência de seus dirigentes. Só recentemente está havendo a adoção

da tese de que a exportação de álcool é um item significativo na pauta do País. Apesar disso, existem fundadas dúvidas quanto ao êxito das iniciativas de exportação significativa de álcool brasileiro. Para torná-lo realidade não basta vender a idéia no exterior — o que é importante — mas é preciso consolidar as fundações de sua produção e venda de forma confiável e permanente. Há muito o que fazer — desde zoneamento agrícola até a produção independente de álcool para exportação. Recentemente isso foi reconhecido pelo próprio presidente da UNICA, representante dos produtores de açúcar e de álcool.

### Agronegócio: Exportação de etanol ainda é sonho, diz Carvalho

SÃO PAULO, 21 de maio de 2007

As exportações brasileiras de etanol a médio prazo serão apenas subsidiárias. Segundo o presidente da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (UNICA), Eduardo de Carvalho, a exportação ainda é só um sonho. De concreto o Brasil tem apenas como clientes os Estados Unidos, com barreiras alfandegárias, o Caribe, como meio de acessar o mercado norte-americano sem taxas, e a Suécia, "que é do tamanho da Penha", diz Carvalho.

Mas então, por que tanto investimento na produção de etanol?

Para o presidente da Unica, é porque a maioria dos países desenvolvidos está se preparando para mudar suas matrizes energéticas e incluir o etanol no seu consumo doméstico de combustíveis.

(Isabel Dias de Aguiar - InvestNews) ©InvestNews

CNC - 2007

O aumento dos preços do petróleo e a restrição da capacidade de refino mundial para atender à demanda de derivados têm efeito contundente para a viabilização econômica do uso de álcool, tanto anidro quanto hidratado.

Como aditivo à gasolina, hoje na proporção de 25%, o álcool anidro tem a viabilidade garantida pelos preços da gasolina. Mesmo que isso não ocorresse entre os grandes consumidores de gasolina — Estados Unidos com 20 milhões de barris/dia e a União Europeia com 10 milhões de barris/dia — a influência no custo da gasolina aditivada com 5% ou 10% não seria expressiva, pois, em um diferencial do preço do álcool e o da gasolina de 20%, representaria um acréscimo de 1% ou 2% no preço de venda da gasolina aditivada, já considerada a diferença de poder energético do álcool (70/100). Cabe ressaltar a importância do álcool como fator de desenvolvimento do hemisfério ocidental, apoiado na sua complementaridade energética — primeiro passo para a criação efetiva do seu Mercado Comum.

COMPLEMENTARIDADE ENERGÉTICA INTRA-SUBCONTINENTAL  
MERCADO POTENCIAL DE ALCÓOL ANIDRO A 20% DE MISTURA NA GASOLINA

Países	Consumo Anual de Petróleo - I	Consumo Anual de Gasolina - II (40% de I)	Mercado Potencial de Alcool - III (20% de II)	
	10 <sup>3</sup> Barris/ano	10 <sup>3</sup> Barris/ano	10 <sup>3</sup> BL/ano	10 <sup>3</sup> Litros/ano
Argentina (1982)	168.240	67.296	13.459	2.140.013
Bolívia (1982)	8.720	3.488	698	110.918
Brasil (1982)	340.000	136.000	27.200	4.324.800
Colômbia (1982)	56.474	22.590	4.518	718.349
Guatemala (1982)	9.199	3.680	736	117.011
Haiti (1982)	1.528	611	122	19.436
México (1982)	430.000	172.000	34.400	5.469.600
Paraguai (1982)	3.147	1.259	252	40.030
República Dominicana (1982)	14.277	5.711	1.142	181.603
Venezuela (1982)	131.400	52.560	10.512	1.671.408
Barbados (1981)	1.336	534	107	16.994
Chile (1981)	39.057	15.623	3.125	498.805
El Salvador (1981)	3.572	1.429	286	45.436
Jamaica (1981)	11.091	4.436	887	141.078
Peru (1981)	48.190	19.272	3.854	612.850
Uruguai (1981)	12.245	4.898	980	155.756
Costa Rica (1980)	5.343	2.137	427	67.563
Equador (1980)	32.325	12.930	2.586	411.174
Honduras (1980)	5.019	2.008	402	63.842
Nicarágua (1980)	5.000	2.000	400	63.600
Panamá (1980)	7.224	2.890	578	91.989
Trinidad Tobago (1980)	5.600	2.240	448	71.232
Total	1.338.977	535.591	107.118	17.031.787
Total Exclusive Brasil	998.977	399.591	79.918	12.706.987

Obs.: O dispêndio de gasolina foi estimado, por falta de informações. No caso brasileiro, devido ao uso do álcool, inclusive em automóveis a álcool, não corresponde à estatística.

Fonte: OEA

CNC - 2007



De outro lado, a mistura de álcool no óleo diesel de 8% a 95% (tecnologia sueca) não tem sido tratada com o necessário empenho.

## Álcool para Exportação



### Interesses Gerais dos Países pela Biomassa como Energia. Por quê?

- Necessidade de dar solução ou saída para oferta excedente de produtos agrícolas (curto prazo)
- Preocupações ambientais
- Necessidade de reduzir a dependência do petróleo importado
- Renda rural
- Desenvolvimento futuro

CNC - 2007

Existem, por sua vez, numerosos estudos sobre as vantagens do álcool de cana-de-açúcar sobre outros com base em milho (EUA) e outros produtos vegetais (União Européia, inclusive álcool de vinho na Espanha). Na verdade, os Estados Unidos taxaram o álcool importado do Brasil, sem fazê-lo em relação aquele produzido na Espanha ou importado da América Central, porque pretendem defender os produtores de milho americanos. Tentei inclusive, com conhecimento do Dr. Tancredo Neves, convencer a Archer Daniels Midland, líder absoluta no mercado de milho e de álcool de milho, a representar o álcool brasileiro nos Estados Unidos. Para tanto viajei para New York exclusivamente para almoçar com o Sr. Dwaine Andréas, presidente da referida empresa. Na época, a produção de álcool dos Estados Unidos era pouco significativa, variando em função da produção de milho, absorvendo eventuais sobras para manter a sua cotação e os interesses dos produtores, politicamente fortes. Apesar disso, a ADM não manifestou interesse na proposta.

O programa brasileiro que propunha e que apresentei oficialmente nos Estados Unidos no Seminário “Álcool Brasileiro na Gasolina Americana”, promovido pelo Centro de Estudos Estratégicos Internacionais (CSIS) da Universidade de Georgetown, em 1/12/1983, incluía o estudo de pré-viabilidade de um empreendimento americano-brasileiro, independente do PROÁLCOOL, obtendo total apoio do CSIS. Apenas para ilustrar o que foi o estudo de pré-viabilidade citado, que está a disposição dos interessados, o pólo produtor, previsto para operar em conjunto particularmente com um sistema dutoviário, seria:

### Área possível de produção por < US\$ 30,00/b



Área delimitada: 120 milhões de hectares  
Fonte: Sociedade Brasileira de Cane - CNC - 2006

A área exigida para a produção proposta de 500.000 barris/dia para exportação, sem previsão de irrigação, era de 1 milhão de hectares, empregando técnicas agrícolas de nível médio e uma produção anual de 60 t/ha.

São necessários cuidados especiais para evitar o conflito de cultivos, particularmente o zoneamento agrícola rigoroso.

### JORNAL DO COMMERCE :: Economia - 4 de julho de 2007 Fabrizia Gomes, da Agência Eslado **Cana Toma Espaço de Grãos**

Ontem, pela primeira vez, o diretor de Logística e Gestão Empresarial da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Sílvio Porto, reconheceu que a cana-de-açúcar está tomando espaço do milho e da soja nos Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais. É a primeira vez que um técnico do governo reconhece a pressão exercida pela expansão da cana para áreas produtoras de grãos.

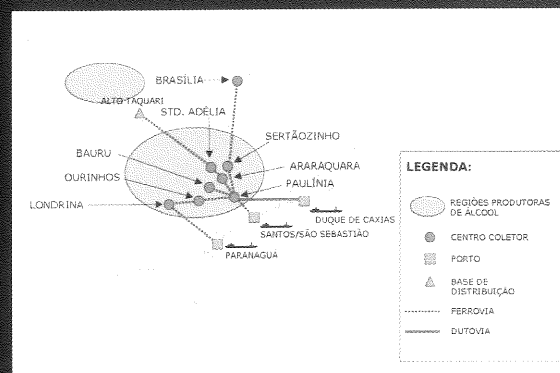
O alerta foi feito ontem durante a divulgação do 10º levantamento da safra 2006/07. A entrada da cana de forma mais efetiva no Centro-Oeste poderá voltar a gerar nova pressão na região da Amazônia Legal, novas áreas agrícolas ou áreas de pastagens. "É uma questão importante, que nós da Conab vamos acompanhar. Efetivamente, a cana está tomando área de milho e da soja no País", disse.

Porto considera que o zoneamento agrícola é fundamental para que se tenha um planejamento efetivo da ocupação do espaço agrário no Brasil. No caso do trigo, Porto destacou uma redução do plantio do cereal no Paraná, maior produtor nacional, por causa da substituição de parte da área por milho, que também tem preços mais vantajosos, e também pela cana.

CNC - 2007

A própria Petrobras, hoje engajada no programa de biocombustíveis, tem um planejamento para um sistema dutoviário para atender a exportação de álcool produzido em São Paulo, região que, por certo, terá a preferência natural dos produtores.

### Infra-estrutura e Logística de Exportação



Fonte: Petrobras

CNC - 2007

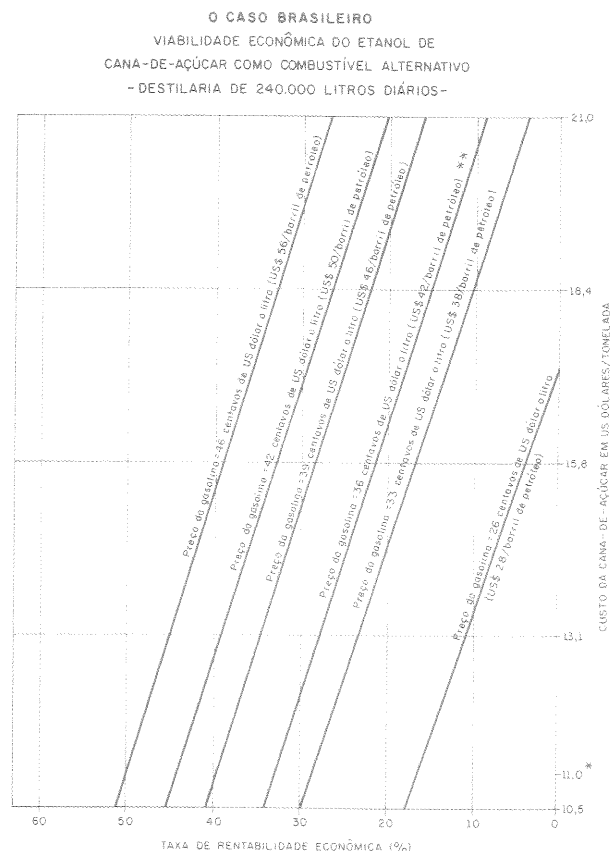
### Do Investimento e da Previsão de Resultados

O investimento admitido era da ordem de US\$ 20 bilhões. Tomando em conta estudo realizado pelo BIRD em 1981 e adaptando os seus critérios à situação atual, verifica-se:

- Que ao preço do petróleo da época, mais custo do refino — considerado o investimento na produção de álcool, no Brasil, a taxa interna de retorno seria da ordem de 18%.

- Que ao preço médio de US\$ 42 o barril de petróleo — admitida uma vida útil de 20 anos da parte industrial — a taxa interna de retorno ultrapassa 30% a.a. nas condições de custo de produção de cana-de-açúcar.

A Figura 1 apresenta a viabilidade econômica do etanol de cana-de-açúcar como combustível alternativo – caso brasileiro.



\* Custo de produção no Brasil, o preço de agosto de 1983  
\*\* Custo médio do petróleo durante 20 anos de vida útil da destiladora

Fonte: BIRO

## Iniciativas Pioneiras



Chile

Alemanha

EUA

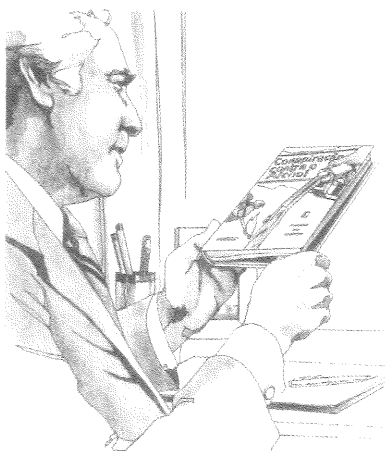
Antes de encaminhar o assunto exportação de álcool para a gasolina americana, tive a oportunidade de tratar detalhadamente da exportação de álcool para o Chile, cujo Ministro de Energia me procurou algumas vezes no Brasil, entusiasmado com o Programa. O mesmo ocorreu com a Alemanha, tendo participado de comitiva que viajou para Bonn com o Presidente João Batista Figueiredo, onde tive a oportunidade de apresentá-lo, com o apoio e participação da “Verbidungstelle Landwirtschaft Industrie” (Associação de Indústrias, Bancos e Empresas Agrícolas do Vale do Ruhr), só não se concretizando devido à oposição da Companhia de Petróleo Veba Oel.

Tanto os entendimentos com o Chile e Alemanha, quanto com os Estados Unidos, estão detalhadamente descritos no livro *Conspira-*

ção *Contra o Alcool*, prefaciado pelo meu amigo, companheiro de lutas — o então Embaixador nos Estados Unidos da América, Sérgio Corrêa da Costa.

Ao mesmo tempo em que promovia o Seminário no CSIS, mantive contatos com o Senador Charles Percy, presidente da Comissão de Energia do Senado Americano, eleito pelo Illinois, estado que é o principal produtor do milho. Na mesma oportunidade pronunciei uma conferência na OEA sobre “Complementaridade Energética no Hemisfério Ocidental”.

## Conclusão



É fundamental assinalar que o Brasil também é vítima de si mesmo na demora do entendimento sobre a exportação de álcool. Nos Es-

tados Unidos existem e atuam os *lobbies* para influenciar o Congresso, em uma atividade regulamentada oficialmente.

Em 1983 encontrei, em Washington, uma pessoa que recebia US\$ 10 mil por mês, do IAA, para fazer o *lobby* do açúcar e do álcool brasileiros. Na época, vem a falecer e o seu contrato com o IAA foi repassado para o seu vizinho de porta de escritório...

A atuação brasileira na era dos *joint ventures* de *lobbies* me pareceu — à época — usar arco e flecha.

Parece óbvio que a reformulação do uso dos derivados de petróleo, introduzindo o consumo de outros combustíveis, vai alterar sensivelmente o atual quadro de uso da mão-de-obra na agricultura. Independente disso, vultosos investimentos serão exigidos num bom momento, em que o capital procura aplicações promissoras.

As diferentes soluções que contribuirão para substituir o uso dos derivados de petróleo, provavelmente associadas, terão em alguns segmentos — como no caso de combustíveis oriundos da biomassa, o álcool etílico em particular —, significativa repercussão no desenvolvimento socioeconômico dos países tropicais. Basta observar que a produção de cada bilhão de litros de álcool envolve cerca de 50 mil empregos diretos e 100 mil empregos indiretos, gerados nos diferentes setores da economia.

## Mercados de Etanol – Cenário 2010

(bilhões de litros)

■ EUA	18 a 20
■ Brasil	15 a 18
■ Japão	6 a 12
■ União Européia	9 a 14
■ Leste Europeu	1 a 2
■ Canadá	1 a 2

Fonte: UNICA

CNC – 2007

Caso o álcool venha a ganhar um lugar de destaque no mercado internacional, não há dúvida de que isso poderá significar a geração de 15 a 30 milhões de empregos, no Terceiro Mundo em especial, com todas as conseqüências previsíveis.

Os países ricos e os países pobres se beneficiarão da vulgarização do uso do álcool, visto que hoje os países produtores de petróleo, em sua maioria, têm baixo índice populacional, associado a um nível cultural deprimido, em relação a países que já estavam em fase de *take off*, no seu desenvolvimento, quando dos choques do petróleo.

Gostaria de concluir com uma frase de Bismarck:

“É preciso legar aos nossos filhos o mínimo de problemas não resolvidos.”

*Palestra pronunciada em 17 de Julho de 2007*